

A CONSTRUÇÃO DO SIGNO SIMBÓLICO NA IMAGEM DO MÍTO ROGÉRIO CENI

Werpachowski, Johanan K. Toledo¹
KULAK, Sergio Marilson.²

RESUMO

Conhecido como o maior goleiro artilheiro de todos os tempos, Rogério Ceni atuou em toda sua carreira profissional como atleta do São Paulo Futebol Clube, onde conquistou diversos títulos. Essas conquistas, com participação atuante do atleta, criaram uma dimensão de símbolo futebolístico junto à torcida são-paulina, que passou a chamá-lo de MÍTO, referência ao simbólico de herói. Visando analisar os elementos simbólicos agregados ao potencial comunicativo gerado no imaginário coletivo dos torcedores do clube paulista, da mídia e dos amantes do futebol, a presente pesquisa se propõe a analisar o conteúdo simbólico da figura de Ceni frente aos estudos semióticos de Pierce, a partir deste autor e de seus debatedores, como Lucia Santaella e Winfried Nöth, entre outros. Para tanto, o trabalho se vale das noções de símbolo e de representação avaliadas no contexto da semiótica peirceana.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica, Símbolo, Futebol, Mito, Representação.

1. INTRODUÇÃO

O termo símbolo é algo comum ao cotidiano, desde o momento de proporcionar o entendimento de um espaço reservado a uma determinação de gênero, por exemplo, como banheiros e/ou vestiários, até noções extremamente desenvolvidas como a alocação de figuras históricas como elementos que representam a luta por direitos, igualdade, soberania, entre outros.

Lucia Santaella (1998), a partir dos estudos do Peirce, define o caráter de símbolo como algo que está relacionado diretamente com seu objeto, não estando devidamente ligado à sua representação ou fato, mas sim a sua associação de interpretação, através da ideia que se faz referida. Segundo Peirce (2000), o signo é algo que representa algo para alguém denominado o seu interpretante, assim, cabe ao intérprete realizar o entendimento acerca de cada signo a partir de seu processo perceptivo.

O signo simbólico, como será visto adiante, tem a capacidade de operar a partir de um entendimento comum a um número significativo de intérpretes, isto é, o seu significado é arbitrário, e não natural das coisas, assim, a implementação de determinados entendimentos a um contexto específico do signo é implantado, sendo atribuído por alguém ou alguma coisa.

Neste sentido se enquadra o objeto de estudo desta pesquisa, o goleiro Rogério Ceni que, para a torcida do São Paulo Futebol Clube, especificamente, e admiradores do futebol de modo

¹Graduando do 6º período do Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG, e-mail: johanantoledo@hotmail.com

²Orientador do artigo, doutorando em Ciências da Informação pela Universidade Fernando Pessoa – UFP (Portugal), Orientador do Projeto de Agentes Locais de Inovação (ALI) Sebrae/CNPq. Professor e bolsista de capacitação do Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG, e-mail: sergiokulak@fag.edu.br

feral, adquiriu o sentido de mito, elevando a sua história, de maneira arbitrária, para muito além da jornada de um atleta comum. O método de análise escolhido é a análise fenomenológica a partir dos conceitos de Charles Sanders Peirce (2000) e seus estudiosos.

2. A SEMIÓTICA PEIRCEANA

Ao estabelecer os parâmetros de funcionamento da semiótica, Peirce (2000) elenca três categorias que abrangem os fenômenos. “Essas três categorias irão para o que poderíamos chamar de três modalidades possíveis de apreensão de todo e qualquer fenômeno. [...] Elas se constituem, no entanto nas modalidades mais universais e mais gerais, através das quais se opera a apreensão-tradução dos fenômenos” (SANTAELLA, 2003, p.9).

Segundo o autor, a primeira delas se relaciona ao sentimento e está diretamente envolvida com as qualidades de um fenômeno, ela é externa ao intérprete e foi denominada de primeiridade. Já a segunda foi chamada de secundidade e se configura em um processo reativo com o fenômeno, é o momento em que o intérprete o incorpora. O terceiro momento, por sua vez, é a mediação, isto é, a racionalização de um primeiro e de um segundo – primeiridade e secundidade – em uma síntese intelectual, este processo foi denominado como terceiridade.

Com base nas categorias fenomenológicas, Peirce (2000) estabelece uma classificação dos signos mostrando os tipos específicos que estes podem aparecer e suas características. Nesse processo, o autor estabelece a relação do signo consigo mesmo, onde prevalece as noções de primeiridade – abstração – porém com níveis que se misturam com aspectos de secundidade e terceiridade. Não obstante, Peirce (2000) elabora a relação do signo com seu objeto, um processo que se relaciona as noções de secundidade, e do signo em relação ao seu interpretante – terceiridade. Para cada tipo de relação, Peirce (2000) elabora três tipos de signo: um que se relaciona a primeiridade, outro com a secundidade e o terceiro com a terceiridade. Desse modo, é possível entender essa classificação sónica a partir das tríades apresentas na Tabela 1:

Tabela 1: Classificação s gnica.

	<i>Primeiridade</i>	<i>Secundidade</i>	<i>Terceiridade</i>
	<i>Signo em relação a si mesmo</i>	<i>Signo em relação ao seu objeto</i>	<i>Signo em relação ao seu interpretante</i>
<i>Primeiridade</i>	<i>Quali-signo</i>	<i>�cone</i>	<i>Rema</i>
<i>Secundidade</i>	<i>Sin-signo</i>	<i>�ndice</i>	<i>Dicante</i>
<i>Terceiridade</i>	<i>Legi-signo</i>	<i>Símbolo</i>	<i>Argumento</i>

Fonte: Adaptado de Santaella (2003, p.13).

A primeira coluna prevalece na primeiridade, isto é, todos os elementos apresentam, com menor ou maior intensidade, um fator de abstracção. Segundo Santaella (2003), um quali-signo é uma qualidade pura, um sin-signo uma qualidade que é um existente e o legi-signo um signo que tem força de lei. As relações da segunda coluna prevalecem na relação do signo com seu objeto, assim, Peirce (2000) diz que que signo de tipo ic nico apresenta uma relação de qualidade com seu objeto, este pode se manifestar em uma característica como, por exemplo, o formato, a cor, o cheiro, entre outros. Já o  ndice, por sua vez, tem uma relação de fato com o objeto, uma ligação, enquanto que o símbolo tem uma característica imputada a ele arbitrariamente. Acerca da relação s gnica com seu interpretante,

[...] podemos dizer que um rema é um signo que é entendido representar seu objeto meramente por seus caracteres; que um dicisigno [dicente] é um signo que é entendido representar seu objeto com respeito a uma existência real; e que um argumento é entendido representar seu objeto em seu caráter de signo (QUEIROZ, 2007, p.189-190).

Assim se estabelecem os tipos de signo, entretanto,   válido ressaltar, existem inúmeras classificações s gnicas a partir da semiótica peirceana, a classificação acima destacada se evidencia como a mais utilizada, embora muitos estudos se debrucem sobre outras possibilidades. Para compreender a força de representação do símbolo faz-se necessário avaliar as suas particularidades de modo mais intenso, como será abordado no próximo t pico.

2.1 O SIGNO SIMBÓLICO

O signo de natureza simbólica liga-se ao seu objeto por uma atuação mental, isto é, não existe uma conexão de fato entre o referente e o significado a ele atribuído senão por meio de uma imputação de sentidos, deste modo, grafismos variados adquirem o valor de fonemas e quantidade como nos casos de letras e números, por outro lado, as letras unidas ganham um

sentido amplo formando uma palavra e, para além de fonemas associados, a palavra leva a outra significação mais desenvolvida.

Para Peirce (apud QUEIROZ, 2007, p.184), o símbolo se trata de um processo representativo em que o “fundamento da relação com seu objeto é uma característica imputada”. Para entender o funcionamento do signo simbólico é necessário antes compreender o modo de atuação do legi-signo. De acordo com Santaella (2007, p. 129),

No campo das mais diferenciadas ciências e artes, a palavra símbolo foi e continua sendo empregada com tal generosidade que seu sentido se envolveu em brumas. A definição peirceana, ao contrário, é técnica e precisa. Para chegar a ela, devemos começar pelo entendimento do legi-signo, pois é nele que o símbolo encontra seu suporte.

Segundo a autora, o legi-signo é um signo que tem caráter de lei: “É uma lei que é um signo. [...] Para Peirce, a lei é uma força viva, uma força condicional permanente, quer dizer, é uma regularidade no futuro indefinido. A lei funciona, portanto, como uma força que será atualizada, dada certas condições” (SANTAELLA, 2007, p.129). Por meio da força viva da lei, existe uma tendência de que os fatos acomodem-se dentro de uma determinada regularidade.

Tome-se como exemplo a questão do semáforo quando fica vermelho. Embora exista uma regulamentação pelo Código de Trânsito Brasileiro, esse exemplo parte do ponto de vista da ação do hábito, para além da questão de legislação. Pode-se observar que ao acender a luz vermelha de um semáforo, que é um símbolo de pare para que outros veículos possam passar pelo cruzamento, o indivíduo automaticamente diminui a velocidade e permanece imóvel até que o símbolo se altere para a luz verde, que representa o ato de seguir. O ponto norteador é que não existe algo que prenda ou pare o(a) motorista de fato, mesmo que não passe nenhum carro pelo cruzamento e pudesse atravessá-lo sem nenhum prejuízo, a maioria absoluta das pessoas ainda se mantêm imóveis até o alerta da luz verde.

É nesse ato que se manifesta o legi-signo, o intérprete internaliza um hábito, “[...] em regras gerais, [hábitos são] ações que tendem a se repetir de acordo com padrões uniformes, sob condições específicas” (SANTAELLA, 2007, p.135), assim, ele recorre a uma ação interpretativa que lhe é recorrente cada vez que se depara com aquele determinado fenômeno e, ainda que em dados momentos o intérprete possa lhe ter uma outra alternativa – como atravessar no sinal vermelho quando não existem outros carros passando pelo cruzamento – o legi-signo faz com que a regularidade do hábito seja acionada e o motorista siga em frente somente no momento em que a luz vermelha for apagada.

É a força de lei do signo a responsável por esse tipo de ação mencionada no exemplo. Obviamente, existem fatores como o risco de acidentes e/ou multas e a preservação da vida ao

cruzar um semáforo fechado (vermelho), mas, ainda que esse fato não acarreta-se nenhum desses riscos, a tendência interpretativa regida pelo legi-signo fará com que se manifeste a força viva do hábito, fazendo com que o motorista aguarde a luz verde. Winfried Nöth (1995, p.77), a partir de seus estudos acerca da obra peirceana diz que "um legi-signo é uma lei que é um signo [...] Todo signo convencional é um legi-signo. Não é um objeto singular, mas um tipo geral sobre o qual há uma concordância de que seja significante". Para Santaella (2007, p.130), "É a lei que fará o signo ser interpretado como sendo um signo, pois o legi-signo funciona como uma regra que irá determinar seu interpretante, uma regra que determinará que ele seja interpretado como se referindo a um dado objeto" e, assim como o símbolo precisa do legi-signo, este tem a necessidade dos sin-signos para ser alcançado: "[...] a essência de um legi-signo é formal e não material. A materialidade lhe é emprestada pelos sin-signos nos quais se corporifica, ao mesmo tempo, que, como lei, empresta a eles generalidade" (SANTAELLA, 2007, p.130).

Peirce (2000) define o símbolo como um signo convencional que depende de um hábito inato ou adquirido de interpretação para que ele obtenha seu significado, ou seja, segundo o autor o fundamento da relação do símbolo com o objeto que ele representa depende de um caráter imputado, arbitrário, não motivado. Dessa forma, o símbolo é uma conexão apenas mental do signo com o objeto, pois essa ligação ocorre por meio da convenção de interpretação do mesmo. O símbolo conecta-se com o seu objeto "[...] por meio de uma convenção de que ele será assim entendido, ou ainda por meio de um instinto ou ato intelectual que o toma como representando seu objeto, sem que qualquer ação necessariamente ocorra para estabelecer uma conexão factual entre signo e objeto" (PEIRCE apud SANTAELLA, 2007, p. 132).

Assim, conforme Santaella (2007), o símbolo relaciona-se com seu objeto por meio de seu interpretante. Por isso, todo símbolo necessita de um hábito para que o seu significado seja alcançado, somente o hábito pode acionar "no campo do interpretante, uma regra interpretativa que, ao se corporificar na instância de um intérprete particular, produzir uma associação de idéias gerais, uma regularidade associativa (CP 4.500), ou uma conexão habitual entre o signo e o objeto denotado (CP 1.369)" (SANTAELLA, 2007, p.135, grifos da autora).

Pode-se dizer que o símbolo refere-se ao seu objeto em razão de uma lei acionada por um hábito. "Símbolos denotam seus objetos apenas em virtude de haver um hábito que associa sua significação com eles" (PEIRCE apud SANTAELLA, 2007, p.133). Segundo Peirce "[...] o ser de um símbolo consiste no fato real de que algo ser seguramente experienciado se certas condições forem satisfeitas. A saber, ele influenciará o pensamento e a conduta do intérprete" (apud SANTAELLA, 2007, p. 135). O signo simbólico só é experienciado no intérprete, pois é a mente interpretante que realiza a conexão de fato entre o objeto e o signo.

Portanto, o símbolo consiste em conduzir o intérprete a uma condição de experiência a partir da qual ele aciona em seu imaginário um hábito circunstancial que, por meio do legi-signo, é capaz de se corporificar e produzir uma associação de ideias ou conexões entre o signo e o objeto no campo da interpretação.

Vale ressaltar que, para Santaella (2003, p.68), os “símbolos crescem e se disseminam, mas eles se trazem, embutidos em si, caracteres icônicos e indiciais”. De acordo com a autora, o próprio Pierce afirma não existir um signo totalmente puro, existem categorias dominantes em todos os signos, desse modo, para ser símbolo, o signo também apresentará uma parte índice e uma parte ícone, “[...] o poder de referência, poder indicativo do símbolo vem de seu ingrediente indicial. Entretanto, índice está desprovido do poder de significar. Por isso mesmo, para significar, o símbolo precisa de um ícone” (SANTAELLA, 2007, p.139).

Depois de entendido o funcionamento do signo simbólico, é possível observar como esse elemento se evidencia no contexto da criação do M1TO Rogério Ceni pela torcida são-paulina a partir da criação de representações que levaram o jogador futebolístico alcançar níveis mais desenvolvidos de significância no imaginário do tricolor paulista.

3. METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa fenomenológica de abordagem qualitativa e natureza exploratória, pois avalia noções bibliográficas aplicadas em um estudo de caso a fim de produzir novos conhecimentos sobre este caso específico associado à Teoria Semiótica. Para tanto, são avaliadas as noções apresentadas acerca do signo simbólico a partir de C.S. Peirce (2000) e seus estudiosos, como Santaella (1998, 2002, 2003, 2007 e 2010), Nöth (1995 e 2010) e Queiroz (2004 e 2007), entre outros.

4. ROGÉRIO CENI: O M1TO TRICOLOR EM NÚMEROS

Rogério Mücke Ceni nasceu em 1973 na cidade de Pato Branco, interior do Paraná. Rogério cresceu na cidade de Sinop, no Mato Grosso, tendo sido revelado como jogador de futebol em 1990 pelo time do Sinop, atuando na posição de goleiro. No mesmo ano, ele foi contratado pelo São Paulo Futebol Clube e subiu para o time profissional em 1992, estreando como jogador profissional em 1993 e permanecendo no clube até a sua aposentadoria, no ano de 2015.

Figura 1: Rogério Ceni (junto à Lucas Silva) comemorando seu último grande título: a Copa Sul-Americana de 2012.



Fonte: SETTI e MESQUITA (2015, *online*). Disponível em: <<http://www.espn.com.br/especial/rogerio-ceni-mito-tricolor/>>. Acesso em 14 abr. 2018.

Rogério Ceni ficou conhecido mundialmente dado a característica mais marcante de sua carreira: o fato de, mesmo sendo um goleiro, ser um jogador artilheiro. Especializado na cobrança de faltas e pênaltis, Rogério Ceni está no Livro dos Recordes (The Guinness Book) como o maior goleiro artilheiro da história, totalizando 131 gols – 129 oficiais. Em comparação, o segundo goleiros com mais gols em seu histórico é Chilavert, antigo defensor da seleção paraguaia que detém a marca de 62 gols, menos da metade do número alcançado pelo goleiro são-paulino (SETTI; MESQUITA, 2018).

No São Paulo, Ceni bateu praticamente todos os recordes possíveis para um jogador. É o recordista de jogos no Brasileirão (575), maior número de vitórias no Brasileirão (279), jogador brasileiro com mais jogos na Libertadores (90), maior número de vitórias na Libertadores (51), mais participações na Libertadores (9), maior número de vitórias no Morumbi (375), goleiro com maior número de assistências (7), artilheiro do time nas temporadas 2005 (21 gols) e 2006 (15 gols) (PORTO, 2015, *online*, grifos do autor).

Rogério é considerado pela massa são-paulina como o maior jogador de todos os tempos do clube, pois, além de marcar inúmeras vezes com a camisa tricolor, o goleiro foi por muitos anos o capitão da equipe, segundo Porto (2015), são 978 partidas nesta função, conduzindo o time na vitória de importantes campeonatos de níveis nacionais, como o tricampeonato brasileiro (2006, 2007 e 2008), e internacionais, como a Copa Sul-Americana (2012), a Libertadores da América e o Campeonato Mundial de Clubes da FIFA de 2005, títulos de maior expressão que um time brasileiro pode alcançar.

Além destas conquistas, Ceni foi campeão da Copa do Mundo de seleções, em 2002, e da Copa das Confederações (1997) com a Seleção Brasileira de Futebol. O goleiro ainda possui outros títulos de expressão do período anterior a fase de capitão do São Paulo Futebol Clube,

como a Copa Libertadores, Supercopa da Libertadores e a Copa Intercontinental de 1993, Copa Conmebol (1994) e Recopa Sul-Americana (1993 e 1994), nestes casos ainda como goleiro reserva de Zetti, além de outros títulos de menor importância como os campeonatos paulista de 1998, 2000, 2002 (neste ano disputado como Supercampeonato Paulista) e 2005.

Individualmente, Rogério também recebeu premiações importantes, mesmo sendo goleiro, foi por duas temporadas consecutivas o artilheiro do São Paulo Futebol Clube, em 2005 com 21 gols e 2006 com 16 gols. Foi considerado o melhor goleiro do mundo e 10º melhor jogador do planeta em 2005 pela RSSSF, e melhor goleiro do Brasil nos anos de 2002, 2003, 2005 e 2006 pelo mesmo instituto. Recebeu a Bola de Ouro do Mundial de Clubes da FIFA em 2005, foi considerado o melhor goleiro do Campeonato Brasileiro de Futebol nos anos de 2004, 2005, 2006 e 2007 recebendo o troféu mesa-redonda nos respectivos anos, entre diversas outras premiações (ALCÂNTARA, 2018). Ceni possui, ainda, vários recordes, como o fato de ser o jogador que mais vezes defendeu o mesmo time

Ceni disputou 1.237 partidas com a camisa do São Paulo e encerra a carreira como o atleta que mais defendeu o mesmo clube na história do futebol. O recorde anterior era de Pelé pelo Santos e foi batido em 2013, quando o goleiro atingiu 1.117 partidas. Ou seja, depois de superar o Rei, Rogério ainda disputou 120 partidas pelo São Paulo. O feito lhe rendeu entrada no Guinness Book, o Livro dos Recordes. Foram 648 vitórias, 275 empates e 314 derrotas, com aproveitamento de 59,80% dos pontos disputados (PORTO, 2015, *online*).

O fato de ser mundialmente reconhecido, premiado em diferentes instâncias do futebol e ter sido o capitão que conduziu o clube paulista por diversos anos e conquistas, fez com que a torcida dotasse Ceni com uma simbologia especial, que o diferenciasse de todo e qualquer goleiro da história do futebol, apelidando-o de mito, representação marcada pelo número de camisa do atleta (1) no lugar da letra I, assim surgiu o M1TO, o atleta que apresenta uma história tão vasta e de resultados tão significativos que, como será visto a seguir, é necessário entendê-la em seus contextos mais específicos, compreendendo as suas motivações perceptivas.

5. A FORÇA SIMBÓLICA DE CENI: QUANDO O HOMEM SE TRANSFORMA EM MITO.

Como supracitado, o poder de emanção do signo simbólico advém da arbitrariedade, isto é, alguém ou algo em dado momento precisa atribuir um valor ao signo para que este possa emanar os sentidos a ele designados, assim se estabelece a questão da noção de mito conferida ao

jogador Rogério Ceni. A partir de seu amplo histórico de conquistas individuais e coletivas e o forte perfil de liderança dentro de campo, Rogério deixou de ser apenas um goleiro e se transformou em algo maior para grande parte da torcida do São Paulo, adquirindo níveis extremamente significativos e de valorização de significado.

Segundo Alexandre Lozetti e Diogo Venturelli (2015, *online*), a construção da imagem do M1TO se deu quando, na final da Copa Libertadores da América de 2005, o próprio goleiro declarou que se encerrava um ciclo e que algo maior se iniciava a partir daquele momento e, com esse gesto, a torcida começou a dar seus primeiros brados de mito destinados ao atleta e, conseqüentemente, atribuir a ele a imagem de mito

O homem Rogério Ceni, goleiro, pai, cidadão, sai de uma perspectiva simples de humanidade para uma noção muito mais desenvolvida de significado, ele passa a ser visto como grande, alguém além das capacidades comuns dos demais jogadores. Esse processo ocorre porque, no plano do interpretante, a subjetividade adquire determinadas potencialidades e, após serem incorporadas, passam a ser acionadas como hábitos na mente interpretante, como se pode verificar no exemplo a seguir que representa o funcionamento do signo em Peirce.

O representamen de Rogério recebe o sentido do goleiro são-paulino e, ao chegar ao nível do interpretante, deferentes qualidades podem lhe ser atribuídas, formando esse imaginário mais complexo batizado como M1TO.

Figura 2: Diagrama do signo M1to.



Fonte: Desenvolvido pelos autores com base em Santaella (2003).

Winfried Nöth (1995) explica que a interpretação de símbolo se dá entre a relação arbitrária do representamen com o objeto, através das convenções sociais estipuladas por hábitos,

regras e leis que situam essa relação. Na esquematização do signo, é possível entender melhor como o interpretante age, gerando a noção simbólica ao signo M1TO.

O potencial comunicativo do símbolo permeia diferentes possibilidades no processo de recepção do intérprete. Por esse motivo, o que o jogador representa passa a ser algo maior do que ele próprio. Em buscas rápidas pelos canais de pesquisa disponibilizados na web, pode-se encontrar diferentes tipos de homenagens dedicadas ao goleiro que variam desde utilidades como camisetas, copos, toalhas, entre outros, até mesmo a tatuagens eternizando o significado gerado pela torcida.

Figura 3: Compilação de diferentes homenagens a Rogério Ceni como M1TO.



Fonte: Homenagens captadas em diferentes sítios e blogs da web.

Peirce (2000) define que, para se alcançar o entendimento do símbolo, primeiramente é necessário entender a sustentação dele, ou seja, o legi-signo. Existem signos que possuem um caráter de lei, uma força que sustenta suas condições de interpretação. Santaella (2007) considera que o legi-signo é um signo que tem um poder de agir semioticamente gerando signos interpretantes. Essa determinação de interpretação funciona como uma regra que determina que o signo seja interpretado como se referindo a um dado objeto.

Existem três tipos de interpretantes: o imediato, que se relaciona com o potencial interpretante do próprio objeto/referente, como uma música ou livro que detêm um potencial interpretativo ainda que o intérprete não a ouça ou leia; o interpretante dinâmico, que é “o efeito que o signo efetivamente produz em um intérprete. Tem-se aí a dimensão psicológica do interpretante, pois se trata do efeito singular que cada signo produz em cada intérprete individual” (SANTAELLA, 2004, p.24); e o interpretante final, que “é aquilo que seria finalmente decidido se a interpretação verdadeira e se a consideração do assunto fosse continuada até que uma opinião definitiva resultasse, [...] aquele resultado interpretativo está destinado a chegar se o signo for suficientemente considerado” (NÖTH, 1995, p.75), este

interpretante é visto apenas como uma possibilidade, porém inalcançável, pois “se refere ao resultado interpretativo a que todo intérprete estaria destinado a chegar se os interpretantes dinâmicos do signo fossem levados até o seu limite último. Como isso não é jamais possível, o interpretante final é um limite pensável, mas nunca inteiramente possível” (SANTAELLA, 2004, p.26).

Tendo em vista que o símbolo existe na mente interpretante, esse processo ocorre por meio do Interpretante dinâmico, aquele que trata do efeito que o signo produz no intérprete. Este interpretante divide-se em emocional, que possui sua ênfase na primeiridade e provocam a qualidade de sentimento; o energético (na secundidade) que corresponde a uma ação física ou mental e o lógico (na terceiridade), que é quando o signo é interpretado através de uma regra interpretativa internalizada pelo próprio intérprete.

Neste sentido, vê-se que é no interpretante lógico que o símbolo se plenifica. Entretanto, dado o caráter emocional que rege o ser humano em muitos dos seus impulsos, a paixão pelo futebol e os efeitos de sentido que o time propicia ao seu torcedor faz com que o elemento simbólico do M1TO perpassa a essa noção, somente depois levada pela inteligibilidade ao interpretante lógico acionado pelo legi-signo e o hábito. Assim, mais do que apenas um processo interpretativo desenvolvido no plano do raciocínio lógico, o M1TO Rogério Ceni, pode-se dizer, também perpassa as noções do interpretante emocional, vide o fato de um indivíduo eternizar a representação do rosto, número e assinatura de seu ídolo em sua pele.

Mais do que um processo simbólico simples, por tratar-se de futebol, conhecidamente uma das principais paixões dos brasileiros, o signo simbólico, neste caso, age de uma articulação que opera de modo emocional, energético (ao exercer a parte índice do símbolo), para somente então entrar no contexto da representação, que aqui é bastante desenvolvida, sobretudo na torcida são-paulina.

Para além do fenômeno simbólico, existem outras formas de se avaliar esse fenômeno, entretanto, a presente pesquisa deixa aberta as novas possibilidades de entendimento desse e de novos fenômenos que envolvem o M1TO Rogério Ceni. No entanto, vale ressaltar um último tópico: após encerrar sua carreira como jogador, Rogério tornou-se técnico de futebol, iniciando sua jornada no próprio São Paulo Futebol Clube. Depois de uma passagem conturbada pelo time, Rogério se desligou do São Paulo e, em 2018, foi contratado como treinador do Fortaleza Esporte Clube, do estado do Ceará. A torcida do Fortaleza rapidamente preparou as boas-vindas ao treinador, como mostra a imagem a seguir.

Figura 4: Homenagem da torcida do Fortaleza a Rogério Ceni em sua contratação como treinador.



Fonte: <https://goo.gl/FJ4n6N>.

Figura 5: Escudo do São Paulo Futebol Clube.



Fonte: <http://www.saopaulofc.net/spfcpedia/simbolos>.

Em uma homenagem à Rogério Ceni, a torcida cearense, que não estabelece nenhuma ligação com o São Paulo Futebol Clube, também passa a denominar o treinador como M1TO e, para concluir, traz a semelhança icônica de seus brasões (Fortaleza Esporte Clube e São Paulo Futebol Clube) como um elemento de aproximação entre os times como uma tentativa de aproximação da história vencedora de Ceni no clube paulista com os próximos capítulos da história do time de Fortaleza. Assim, evidencia-se que este símbolo se expandiu para além de apenas os torcedores do clube paulista, mas, devido a sua arbitrariedade, passa a ser não apenas compreendido, mas também aceito e reproduzido por estruturas muito mais amplas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caráter de símbolo criado em torno de Rogério Ceni, se dá em virtude de uma relação direta da sua imagem em ligação aos fatos heroicos ocorridos em campo e suas conquistas, com a interpretação deste atleta como signo de mito, ideia criada entre torcedores e admiradores do goleiro. Esse fato faz compreender o símbolo enquanto signo, suas funcionalidades e sua conexão com a representação arbitrariamente imposta que, por meio da necessidade de um caráter imputado,

se criou uma ideia/ lei de associação que constituiu no imaginário coletivo a imagem de mito, ou M1TO, do goleiro.

Entendendo o funcionamento do signo simbólico, se torna possível compreender como a imagem do atleta Rogério Ceni é transformada pela torcida e configurada como a figura de um mito, isso faz com que essa atribuição, arbitrária, estabeleça a noção simbólica deste que é um dos signos mais ricos da história do São Paulo Futebol Clube.

A partir desta da noção simbólica de Ceni estabelecida por seus fãs, vê-se como esse processo ocorre na semiótica, explorando noções de profundidade no contexto dos tipos de interpretantes em que envolve, sobretudo, a emoção e o raciocínio lógico, ou seja, não é apenas paixão, mas a possibilidade voluntária de engrandecer uma forte figura da história do clube paulista.

Por fim, é possível ver que os símbolos de Rogério Ceni continuam a crescer e se multiplicar para além de sua história em São Paulo, resta saber até que ponto o símbolo de Ceni como treinador irá se manifestar, no entanto, essa é uma resposta que apenas o futuro poderá proporcionar, assim como novos estudos sobre o fenômeno semiótico proporcionado por esse indivíduo capaz de desenvolver em seus admiradores as percepções mais variáveis e envolventes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KULAK, Sergio Marilson; CONTANI, Miguel Luiz. Estética da mensagem persuasiva: metáfora de apropriação na publicidade. In: Maria Immacolata Vassallo de Lopes, Nelson Ribeiro, Gisela G S Castro, Catarina Duff Burnay. (Org.). **XV Congresso IBERCOM 2017: comunicação, diversidade e tolerância**. Lisboa: FCH-UCP, 2018, p. 3401-3412.

LOZETTI, Alexandre. CENI: **A construção do M1TO**. 2015. Disponível em: <http://app.globoesporte.globo.com/futebol/times/sao-paulo/ceni-a-construcao-do-mito/>. Acesso em 04 mai. 2018.

NÖTH, Winfried. **Panorama da semiótica**: de Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 1995.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2000

PIRES, Jorge de Barros, CONTANI, Miguel Luiz. O caráter normativo da semiótica para a organização da informação e do conhecimento. In: CERVANTES, Brígida Maria Nogueira (org.). **Horizontes da organização da informação e do conhecimento**. Londrina: Eduel, 2012.

PORTO, Marcio. **Mito em números: feitos e recordes do obstinado Rogério Ceni**. 2015. Disponível em < <https://goo.gl/p4ufyX> >. Acesso em: 13 jul. 2018.

PRADO, Marcelo. **Rogério Ceni: a história de um mito e seus 20 anos de trabalho e dedicação**, 2010. Disponível em: <<http://glo.bo/1v4PNni> >. Acesso em: 01out. 2018.

QUEIROZ, João. **Semiose segundo C. S. Peirce**. São Paulo: Educ; Fapesp, 2004.

_____. Classificações de signos de C.S.Peirce: de ‘On the Logic of Science’ ao ‘Syllabus of Certain Topics of Logic’. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 30, n. 2, p. 179-195, 2007. Disponível em:< <http://ref.scielo.org/n92vg2> >. Acesso em: 05 out. 2018.

SANTAELLA, Lucia. **Imagem. Cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1998.

_____. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

_____. O que é símbolo. In: Queiroz, João; Loula, Ângelo; Gudwin, Ricardo (Orgs.). **Computação, cognição, semiose**. Salvador - Edufba, 2007.

_____. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

_____; NÖTH, Winfried. **Estratégias semióticas da publicidade**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

SERRA, Michael. **25 anos de Rogério Ceni no São Paulo: Recordes e Títulos**, 2015. Disponível em: <http://www.saopaulofc.net/noticias/noticias/m1to/2015/9/7/25-anos-de-rogerio-ceni-no-saopaulo-recordes-e-titulos/>. Acesso em 25 de abril de 2018.

SETTI, Gustavo; MESQUITA, Patrick. **M1TO "Esta é a última camisa que vou usar. Depois, vou me juntar à torcida e vou para o Morumbi"**, 2015. Disponível em: <<http://www.espn.com.br/especial/rogerio-ceni-mito-tricolor/>>. Acesso em: 14 abr. 2018.